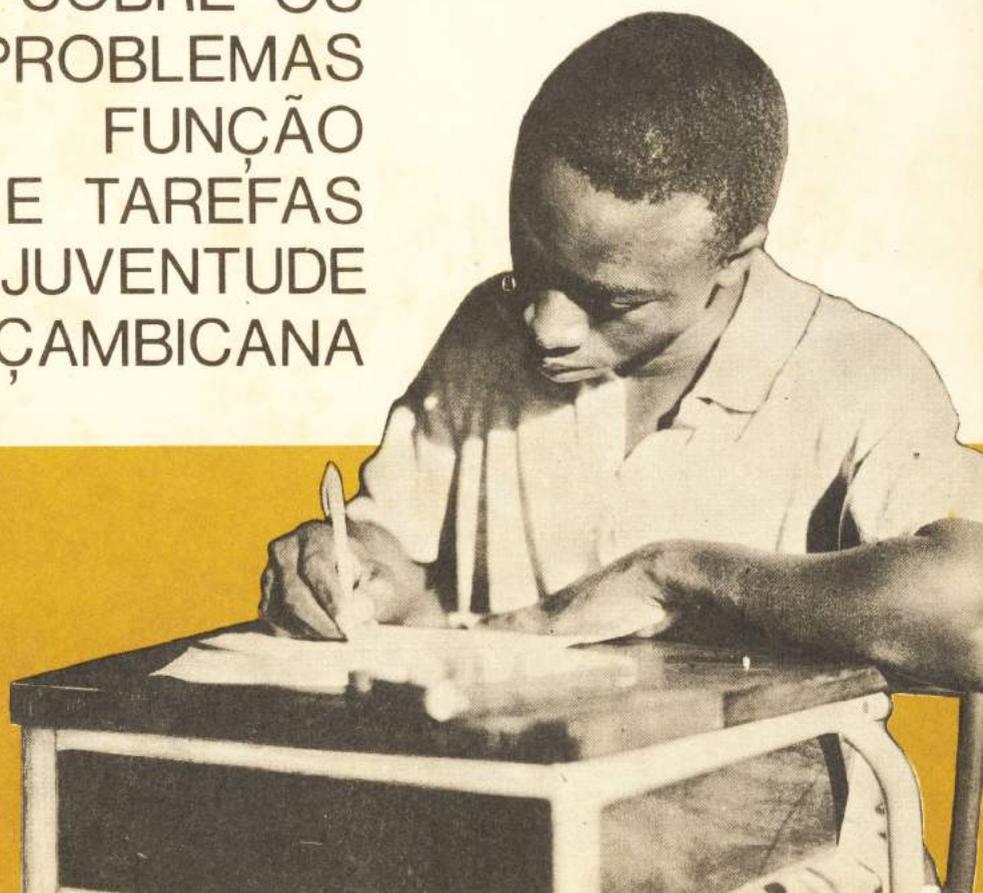


12

colecção
estudos e orientações

SAMORA MOISÉS MACHEL

SOBRE OS
PROBLEMAS
FUNÇÃO
E TAREFAS
DA JUVENTUDE
MOÇAMBICANA



**SOBRE OS PROBLEMAS
FUNÇÃO E TAREFAS
DA JUVENTUDE MOÇAMBICANA**

INTRODUÇÃO

No dia 15 de Dezembro de 1976, o Camarada Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, reuniu com mais de mil jovens vindos de todas as províncias do País e pertencentes a todas as camadas sociais, tendo anunciado então, entre outras medidas, a criação de um Secretariado Nacional da Juventude, com as tarefas imediatas de dinamizar a Organização da Juventude Moçambicana, e preparar a 1ª Conferência Nacional da Organização da Juventude, a ter lugar no terceiro trimestre de 1977.

Durante a sua intervenção, o Camarada Presidente Samora Moisés Machel referiu a atenção particular que a FRELIMO dedica à Juventude, por ser a ela que «compete a tarefa central de continuar a nossa Revolução, de edificar a Pátria socialista, de defender a nossa soberania e conquistas».

Historiando o papel da Juventude tanto no passado como no presente da Revolução moçambicana, o Camarada Presidente da FRELIMO chamou a atenção para a estratégia utilizada pelo imperialismo, de tentar imobilizar esta força que cada vez se torna mais activa na luta pelas transformações sociais em todo o mundo. «Na nossa época — salientou — a Juventude encontra-se cada vez em maior número nas primeiras filas dos combatentes pela liberdade, democracia, pela

paz e progresso social, contra o colonialismo, o racismo o fascismo, o neocolonialismo e o imperialismo».

Publicamos neste n.º 12 da colecção «Estudos e Orientações» o texto integral da intervenção do Camarada Presidente.

*Departamento do Trabalho Ideológico
do Partido FRELIMO*

Maputo, Abril de 1977

2.ª edição: Março de 1980

Se nos pedirem para situar esta reunião, se nos pedirem para definir os objectivos desta reunião diremos: *PROBLEMAS DA JUVENTUDE, FUNÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE, TAREFAS DA JUVENTUDE, ESTRUTURAS E TAREFAS DA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE.*

A Juventude goza duma atenção particular por parte da FRELIMO porque é precisamente à Juventude que compete a tarefa central de continuar a nossa Revolução, de edificar a Pátria socialista, de defender a nossa soberania e conquistas.

Em Junho de 1975, na sua VII Sessão, o Comité Central da FRELIMO procedendo à análise da situação da Juventude moçambicana constatou que o triunfo da Revolução depende da orientação correcta e do engajamento da Juventude e salientou a importância da Juventude como fonte inesgotável de quadros necessários para assegurar a edificação da Nova Sociedade. Na mesma Sessão o Comité Central decidiu a criação duma Organização da Juventude, como forma mais correcta para engajar todos os jovens moçambicanos nas transformações sociais em curso no nosso País, forjar e temperar as novas gerações no combate de classes e alimentar o Partido em novas forças.

Em Fevereiro deste ano, na sua VIII Sessão, o Comité Central voltou a debruçar-se sobre esta questão, tendo clarificado alguns aspectos relacionados com as estruturas da Organização da Juventude e tendo concluído ser necessário acelerar o processo de mobilização e organização da nossa Juventude.

A decisão do Comité Central de criar uma Organização da Juventude despertou uma reacção espontânea e entusiástica por parte dos jovens que, além de participarem activamente nas tarefas gerais sob a orientação dos respectivos Grupos Dinamizadores começaram a organizar-se para estudar e tentar resolver os seus problemas específicos. Surgiram assim sucessivamente reuniões da Juventude a diversos níveis desde a Célula até à Província. Apareceram iniciativas múltiplas dos jovens nos sectores da produção colectiva, da alfabetização, das actividades culturais, do desporto, na luta contra reaccionários de todo o tipo.

O que é que demonstram essas iniciativas dispersas dos nossos jovens?

Qual o seu significado profundo?

Em primeiro lugar, exprimem a capacidade e o potencial do exercício da Liberdade. Os nossos jovens sentiram que estavam livres e que poderiam e deveriam exercer essa liberdade.

Em segundo lugar, exprimem o desejo imperioso que os jovens têm de se organizar para discutirem construtivamente os seus problemas e para mais efectivamente participarem no processo revolucionário.

Em terceiro lugar, demonstram que no seio da Juventude existe uma enorme energia criadora ainda não totalmente aproveitada.

Em quarto e último lugar, exprimem o facto de que não existe ainda uma orientação definida a nível Nacional para o movimento da Juventude.

Torna-se pois necessário traçar orientações concretas

e definidas para a nossa Juventude. É imperioso canalizar de forma positiva o entusiasmo e a iniciativa criadora dos nossos jovens, transformando-os numa imensa força material capaz de contribuir para a revolucionarização da sociedade.

Mas para que todos tenhamos ideias claras quanto às orientações e tarefas da Juventude moçambicana na fase presente da nossa Revolução importa que previamente analisemos a função social da Juventude no Mundo de hoje e, mais especificamente na nossa República Popular.

II — A FUNÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Vivemos a época da transição do capitalismo ao socialismo, época histórica caracterizada pela intensificação da luta de classes no plano internacional, pela agudização da crise geral do capitalismo, pelo aparecimento de novos estados soberanos que abraçam a causa do Socialismo Científico, reforçando deste modo o sistema socialista mundial, zona libertada da Humanidade.

Em todo o Mundo, embora em etapas diferentes e a ritmos de evolução distintos, as massas trabalhadoras aprofundam cada vez mais o processo de destruição da sociedade capitalista e da sua inevitável substituição pela sociedade socialista.

Uma das características importantes da época actual reside precisamente na participação cada vez mais activa da Juventude nas lutas pelas transformações sociais, ao lado das classes trabalhadoras. Em todos os países sem excepção, a juventude aumenta continuamente a sua influência social.

Assim, nos países capitalistas, onde se encontra instaurada a ditadura da burguesia sobre as classes trabalhadoras, verifica-se uma vaga crescente de acções organizadas e

espontâneas por parte dos jovens. Tais acções, que os ideólogos burgueses mais reaccionários apelidam de «criancice» e de «irreverência juvenil», reflectem afinal o facto de que a Juventude, cada vez mais desiludida com o sistema capitalista, procura alternativas para tal sistema, embora nem sempre o faça da forma mais correcta.

Nesses países é cada vez maior o número de jovens que adere aos Partidos de vanguarda dos trabalhadores e às organizações democráticas de massas que conduzem a luta contra o sistema de exploração.

Nos países ainda sob dominação colonial a Juventude constitui a esmagadora maioria dos combatentes nacionalistas que todos os dias oferecem generosamente as suas vidas pela conquista da Liberdade e Independência da sua Pátria.

Exemplos exaltantes dessa coragem e dessa abnegação dos jovens foram frequentemente dados nos 13 anos da nossa histórica luta de libertação nacional. Exemplos semelhantes surgem diariamente nas lutas dos povos da África do Sul, Zimbabwe e Namíbia contra a dominação colonial. O exemplo recente dos magníficos levantamentos da juventude em Soweto e no conjunto da África do Sul, demonstra o seu imenso potencial revolucionário.

Nos países em vias de desenvolvimento a Juventude, pelas suas iniciativas construtivas e criadoras, torna-se um fenómeno social cada vez mais importante e fornece uma contribuição notável para a luta contra a dominação imperialista.

Nos países socialistas e da Democracia Popular são os jovens que, enquadrados pelo Partido e pelas Organizações de Massas, levam a cabo as tarefas mais árduas e exaltantes da edificação da Sociedade Socialista.

Em suma, na nossa época a Juventude encontra-se cada vez em maior número nas primeiras filas dos combatentes pela liberdade, democracia, pela paz e progresso social, contra o colonialismo, o racismo, o fascismo, o neocolonialismo e o imperialismo.

É precisamente por isso que a Juventude constitui hoje o centro da disputa entre as forças do progresso e as forças da reacção.

A luta para conquistar a Juventude para os ideais da revolução, a luta para engajar a Juventude no processo revolucionário constitui uma parte importante da luta de classes.

Consciente do papel crescente da Juventude na dinâmica social, as forças revolucionárias e progressistas de todo o mundo desenvolvem todos os esforços no sentido de ganhar cada vez mais jovens para a causa da revolução, no sentido de aumentar continuamente a contribuição da Juventude nas transformações sociais.

Por seu lado, o imperialismo internacional, inimigo permanente dos povos, procura a todo custo impedir a acção progressista da Juventude. Para tal desenvolve uma série de manobras visando afastar os jovens das classes trabalhadoras e a desnaturar o sentido da revolta da juventude, contra a sociedade capitalista, alienando-os assim do processo revolucionário. É neste contexto que se deve compreender os esforços das forças reaccionárias no sentido de corromper a Juventude, quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista moral, mergulhando-a no mundo estéril da droga, do álcool, da prostituição, da «vida alegre e despreocupada» e inculcando-lhe preconceitos negativos em relação às classes trabalhadoras.

E quando as suas tentativas de desviar os jovens dos caminhos da Revolução fracassam, o imperialismo não desarma, explorando certas insuficiências da Juventude, como a inexperiência política, a impulsividade, o desejo de mudanças radicais e urgentes, arrastam jovens menos conscientes para o terreno do ultra-esquerdismo pequeno-burguês. Assim contribuem para a divisão e conseqüente enfraquecimento do movimento juvenil.

Quer actuando duma, quer de outra forma, o objectivo do imperialismo em relação à juventude permanece o mes-

mo: neutralizar ou pelo menos atenuar o papel progressista da Juventude, desviando-a do processo revolucionário, isolando-a da luta dos trabalhadores, mergulhando-a no mundo da alienação e da degradação física, moral e política.

III — ANÁLISE DA JUVENTUDE MOÇAMBICANA

Na nossa Pátria recentemente libertada do jugo colonial-fascista, o povo moçambicano edifica, sobre as ruínas do colonialismo português, a base material e ideológica da sociedade socialista.

Temos em primeiro lugar que consolidar a nossa independência duramente conquistada e de preservar a nossa soberania face às agressões cada vez mais abertas e frequentes do nosso inimigo permanente, o imperialismo.

Temos de reforçar e dinamizar a aliança operário-camponesa que constitui a força motriz da nossa revolução. Temos de intensificar a mobilização e organização do nosso povo trabalhador com vista ao seu engajamento cada vez mais consciente na luta pela criação de uma economia de tipo novo, independente, desenvolvida e estável.

Temos de apoiar cada vez mais com mais vigor e determinação a luta dos povos ainda hoje submetidos à ordem opressora e exploradora do colonialismo, do racismo, do fascismo e do neocolonialismo.

São múltiplas e complexas as tarefas que se nos deparam. A sua correcta execução requer o espírito de sacrifício, organização cuidada e quadros em grande número.

Nós dizemos que o papel essencial na materialização dos nossos objectivos ou seja, na edificação da base material e ideológica da sociedade socialista cabe à juventude. E por quê?

Em primeiro lugar, porque a maioria do nosso povo é constituída pelos jovens. Com efeito mais de 70% do nosso povo é formado por jovens de idade inferior a 25 anos. Nas

fábricas, nas escolas, nas aldeias comunais, nas machambas colectivas, nas empresas, nas oficinas, no Aparelho de Estado, nos hospitais, os jovens constituem a maior parte dos trabalhadores.

Se nos detivermos na composição das Forças Populares, de Libertação de Moçambique e das Forças Paramilitares, logo veremos que aí também a Juventude é predominante.

Também no seio da FRELIMO a presença da Juventude se faz sentir de uma maneira determinante desde os primeiros dias da Organização.

Em segundo lugar, é a Juventude que, pela sua pouca idade e por isso mesmo pelo facto de ter sido menos contaminada pela ideologia e pela prática social alienantes do sistema colonial-capitalista, está em melhores condições de assumir criticamente os novos valores e de continuar o processo revolucionário do nosso País.

A Juventude constitui a estufa, o viveiro de onde sairão os quadros de todo o tipo, necessários para a edificação da Sociedade Socialista avançada.

Por isso, a nossa preocupação em organizar a Juventude, criando assim condições para que os jovens possam assumir de forma mais correcta as suas responsabilidades históricas.

Vimos assim em resumo, a importância da Juventude para o triunfo da Revolução. E duas questões nos surgem. Primeiro: que características deve possuir o jovem que toma sobre si a responsabilidade da criação da nova sociedade? Segundo: Será que a nossa Juventude possui já todas essas características?

Vamos tentar responder a essas perguntas.

O jovem criador da nova sociedade deve ser um jovem dinâmico, desejoso de mudança, de transformação e dotado de espírito de iniciativa e de espírito criador; deve ser um jovem disciplinado, não através de expressões externas

mas, sobretudo, porque conhece e assume as estruturas, o seu sentido político, e sabe respeitá-las; deve ser um jovem organizado, com um plano de acção concreto para cada mês, para cada semana, para cada dia, deve ser um jovem com grande sede de aprender, um jovem consciente de que, quanto mais conhecimentos adquirir, em melhores condições estará de servir a Revolução.

Deve ser um jovem com amor profundo à causa das classes trabalhadoras, um jovem sempre preocupado em ligar cada passo da sua educação e da sua formação à prática do trabalho produtivo, preocupado em vincular todo o seu pensamento e toda a sua acção à luta das classes trabalhadoras contra a exploração.

Deve ser um jovem preocupado em esclarecer os outros jovens, ganhando e unindo assim um número cada vez maior de jovens em torno dos ideais do proletariado.

Deve ser um jovem profundamente engajado no combate contra os vícios, os hábitos e ideias erradas da sociedade burguesa.

Deve ser um jovem capaz de assimilar com espírito crítico as experiências da Juventude progressista do resto do mundo, sabendo distinguir essas contribuições positivas das manobras engendradas pelo imperialismo com o objectivo de desviar os jovens dos ideais revolucionários.

Estas são as características essenciais do jovem criador da Sociedade Socialista embrião do Homem Novo.

Para respondermos à segunda pergunta, temos de analisar a acção da nossa juventude nos últimos anos, desde o início da derrocada do colonialismo português no nosso País até ao momento actual.

Na História do Povo moçambicano, nunca houve Organização da Juventude, nunca foram definidas tarefas específicas para a Juventude.

No entanto a Juventude, embora não organizada, provou em múltiplas ocasiões o seu engajamento no processo de libertação nacional.

Desde a fundação da FRELIMO, em 25 de Junho de 1962, nós vimos os jovens desempenhar tarefas de importância fundamental para a nossa luta. Com o desencadeamento da Guerra Popular Revolucionária nós vimos os jovens engajados na tarefa principal: a Luta Armada. Com o desenvolvimento do combate Libertador os jovens assumiram com clareza o conteúdo popular da guerra e compreenderam as suas características e exigências: os jovens combatiam as forças vivas do colonialismo português, transportavam o material, participavam nas milícias populares, na produção colectiva, na alfabetização e na educação sanitária; os jovens quadros da FRELIMO participavam na Organização e Mobilização das massas populares. Eles constituíram a base em que se assentou a força de vanguarda no processo da luta de classes nas zonas libertadas.

Os jovens contribuíram valorosamente na edificação e consolidação das zonas libertadas, viveiros da Revolução onde se criou e hoje se desenvolve o modelo da Nova Sociedade. Foi nesse processo que os jovens se distinguiram na defesa dos interesses mais profundos do nosso povo contra o colonialismo português e contra as tendências e a linha reaccionária dos aspirantes a novos exploradores que surgiram no seio da FRELIMO.

Também no exterior, na frente diplomática, nós vimos a Juventude desempenhar tarefas de grande importância através da divulgação da resistência heróica e do combate libertador do nosso povo dirigido pela FRELIMO contra o colonialismo português e o imperialismo.

Mas a fundação da FRELIMO, e sobretudo o desencadeamento da Luta Armada não mobilizaram apenas os jovens directamente engajados na guerra.

Com efeito nas próprias zonas onde o inimigo se sentia dono e senhor da situação, nas zonas onde a sua máquina de ocupação, de opressão e de pilhagem parecia inabalável, a Juventude desempenhou papel de relevo na luta de libertação nacional.

Nós vimos os jovens no trabalho clandestino de mobilização do nosso povo, distribuindo panfletos, reproduzindo as emissões «A VOZ DA FRELIMO», organizando grupos de estudos e de discussões, participando de todas as formas possíveis no trabalho de propaganda.

Entre os inumeráveis mártires de Mueda, de Xinavane, da Machava, do Ibo, das greves dos Caminhos de Ferro, contam-se muitos jovens.

Nas mãos criminosas da PIDE foram muitos os jovens moçambicanos que sacrificaram as suas vidas em defesa dos interesses do povo.

Nas zonas ocupadas pelos colonialistas portugueses crescia constantemente o número de jovens que, conscientes da justiça da Guerra Popular conseguiam escapar às malhas tenebrosas da rede de segurança colonial e vinham juntar-se à FRELIMO.

Após a derrota e a capitulação do colonialismo português, com a assinatura dos Acordos de Lusaka, a Juventude moçambicana pôde manifestar mais amplamente a sua adesão à linha política da FRELIMO e o seu engajamento nas diversas frentes da Reconstrução Nacional. O combate da juventude foi fundamental no aniquilamento das forças fantoches do neocolonialismo.

Temos visto o papel importante que os jovens engajados nas Forças Populares de Libertação de Moçambique e nas Forças Paramilitares desempenham na defesa da soberania e na consolidação da Independência Nacional.

Não podemos deixar de referir a participação decisiva da Juventude nas estruturas da FRELIMO, em particular nos Grupos Dinamizadores, contribuindo assim para a extensão do Poder Popular Democrático a todos os pontos do País.

Vimos a forma entusiástica como a Juventude apoiou as nacionalizações e a maneira como desde logo se empenhou na defesa, consolidação e valorização dessas mesmas nacionalizações.

Sentimos profundamente a maneira como a Juventude tem sabido assumir o carácter internacionalista da nossa luta, desenvolvendo toda uma série de acções com vista a reforçar o apoio à luta do povo irmão do Zimbabwe.

Vimos também que os sucessos até aqui alcançados na frente da alfabetização, da educação sanitária e do desenvolvimento da nossa cultura revolucionária tem dependido grandemente da acção da Juventude.

No entanto, a enumeração das tarefas em que a Juventude provou o seu engajamento na nossa Revolução, não nos deve levar a concluir que a Juventude é perfeita, ou que não existem no seio dos jovens tendências negativas e até mesmo nefastas.

Uma tal conclusão resultaria de uma análise superficial do problema, demonstraria uma incompreensão do que é a Juventude e quais são as suas características.

Na realidade a nossa Juventude sofre ainda hoje a influência dos aspectos negativos da sociedade tradicional-feudal, sofre ainda as influências da ideologia colonial-burguesa.

A Juventude Moçambicana, sobretudo nas zonas rurais, vive ainda hoje submetida à influência cuja raiz deve ser procurada na sociedade tradicional-feudal. É o caso do tribalismo e do regionalismo, factores da divisão do nosso povo. É também o caso do obscurantismo e da superstição que impedem o jovem de adquirir uma visão científica e materialista do desenvolvimento da natureza e da sociedade.

A inércia e a falta de energia criadora que encontramos nalguns sectores da Juventude, particularmente entre os jovens camponeses, são herança da sociedade tradicional-feudal que o colonialismo português procurou perpetuar com o fim de melhor explorar o nosso povo.

A Juventude camponesa é ainda vítima de certos hábitos negativos como os ritos de iniciação e os casamentos prematuros. Estas práticas retrógradas, traumatizando psi-

quicamente os nossos jovens contribuem para a deformação das suas mentalidades e para a reprodução dos valores da velha sociedade.

Nas zonas urbanas, nas cidades e nas vilas, é onde se faz sentir com mais intensidade o padrão da vida colonial-capitalista. É precisamente sobre a juventude das zonas urbanas, seja ela operária, funcionária ou estudante, que mais incide a acção nociva da ideologia decadente da burguesia.

No nosso país, em especial após a fundação da FRELIMO, o colonial-imperialismo procurou sempre desviar a Juventude das ideias e dos anseios mais profundos do povo, procurou isolar a Juventude da luta das classes trabalhadoras, procurou aliená-la do processo histórico.

Assim, aproveitando-se da tendência dos jovens para se divertirem, os colonialistas esforçaram-se por difundir um tipo de diversão baseada no consumo do álcool e da droga, na promiscuidade sexual, no desprezo pela cultura nacional e na imitação cega dos valores decadentes da burguesia estrangeira. Surgiram deste modo os «parties», ou sejam as festas ao bom estilo americano ou sul-africano onde eram correntes a bebedeira, a droga, a promiscuidade e aberrações sexuais; as sessões de «passa» ou sejam as reuniões de drogados onde jovens inexperientes eram iniciados no mundo da droga; o chamado «amor livre», directamente importado das democracias burguesas, que outra coisa não é, senão uma abjecta promiscuidade sexual com o desprezo mais profundo pela mulher; a linguagem dita «freak» ou seja, o calão dos marginais da sociedade que rapidamente se difundiu no seio da Juventude estudantil. É a linguagem dos «*Ei joe!, Oi pita!, Vamos tirar umas «cenas» bem mais quê!*»

Surgiram também as indumentárias extravagantes, desde os sapatos à «Beatle» até às calças que chegam ao peito, desde as camisas que não chegam ao umbigo, até aos blusões com distintivos das forças dos criminosos exércitos imperialistas — U.S. Army, U.S. Air Force.

Fomentando o desprezo pelo trabalho manual, o elitismo, a arrogância e os complexos de superioridade, os colonialistas procuravam instituir no seio da Juventude o desprezo pelas massas trabalhadoras, isolando assim os jovens da prática social. Assim se explica que alguns jovens degenerados tivessem vergonha do pai por este ser um operário.

O banditismo, a corrupção, a imoralidade, a pornografia, o «machismo», o individualismo, o espírito de sabeduto, são constantemente exaltados nos filmes, nas fotovelas, nas revistas, nos discos, nos livros e demais meios de propaganda burguesa. E alguns jovens assimilavam e copiavam imediatamente tais valores.

O racismo e a divisão de base religiosa eram inculcados na Juventude a partir da própria escola, centro difusor da cultura do colonizador.

As influências negativas dos valores burgueses, se bem que se fizessem sentir principalmente sobre os jovens das cidades, também afectavam a juventude camponesa. É deste modo que se compreende que nos últimos anos se tenha intensificado o êxodo dos jovens do campo para a cidade, atraídos pela falsa auréola da «vida fácil e alegre» das cidades.

Derrotado o colonialismo português, as manobras do imperialismo para desviar a Juventude dos ideais revolucionários não cessaram; pelo contrário, foram até refinadas e aperfeiçoadas.

Nos últimos tempos, em particular após a Proclamação da Independência Nacional, tem-se notado uma intensificação da acção dos agentes da burguesia no seio das escolas.

Assim se explica a onda de indisciplina, de desorganização, de liberalismo e de corrupção que grassa em certas escolas; trata-se da acção de pequenos grupos, é certo, mas bem organizados.

Por que é que o inimigo concentra a sua atenção nas escolas?

Porque é nas escolas que hoje se forja o Homem Novo. É nas escolas que tem lugar o processo de consciencialização das novas gerações preparando-as para a responsabilidade de continuarem a Revolução. As escolas são os viveiros de onde sairão os quadros necessários para a edificação da Sociedade Socialista.

Atacando as escolas, o inimigo de classe procura assiminar pela base o nosso projecto da criação da Nova Sociedade, do Homem Novo.

Vemos pois que, embora a nossa juventude tenha provado claramente o seu profundo engajamento na Revolução, ainda persistem no seu seio algumas influências e tendências negativas que urge eliminar.

Chegamos agora às questões centrais da nossa reunião: como reforçar e aperfeiçoar o engajamento da juventude na nossa Revolução? Como criar condições para que a Juventude possa aniquilar as tendências negativas existentes no seu seio e possa assim assumir mais correctamente as suas responsabilidades históricas?

Já vimos que se o engajamento da nossa juventude não foi maior, isso se deveu essencialmente ao facto de ela não estar organizada.

Como atrás referimos, na história do nosso povo nunca houve uma Organização da Juventude. Na história do nosso povo, nunca houve tarefas definidas para a juventude.

Por isso estamos certos de que só organizando a Juventude, só estruturando a Juventude, nós venceremos a nossa batalha da edificação da nova sociedade, só organizando a Juventude nós triunfaremos nos nossos combates, consolidaremos a nossa independência, ampliaremos as nossas vitórias.

Portanto, devemos organizar a Juventude para que ela se engaje prioritariamente ao lado das classes trabalha-

doras no combate pela edificação da base material e ideológica da sociedade socialista.

Devemos criar estruturas que permitam transformar a emoção e entusiasmo dos jovens numa poderosa força material ao serviço da aliança operário-camponesa.

Neste sentido a Direcção da FRELIMO criará em breve um Secretariado Nacional da Juventude que terá as seguintes tarefas imediatas:

- 1 — Mobilizar toda a Juventude Moçambicana com vista a assegurar a sua participação de forma massiva e organizada nos trabalhos da preparação do III Congresso.
- 2 — Criar todas as condições para que a I Conferência da Juventude Moçambicana, que deverá ter lugar no terceiro trimestre de 1977, constitua um sucesso.

Para que estas tarefas centrais sejam implementadas de forma correcta do Rovuma ao Maputo, e para permitir uma participação consciente de todos os jovens na sua realização, o secretariado Nacional da Juventude deverá criar estruturas provisórias da Juventude a todos os níveis, desde a Província até à célula.

Esperamos que os jovens desempenhem um papel decisivo no sucesso do III Congresso. Esperamos também que se engajem com toda a determinação na preparação da I Conferência da Juventude. Desse engajamento, e só dele, dependerá o sucesso da conferência.

Para finalizar, queremos dizer a todos os jovens moçambicanos que abrimos hoje uma nova frente de combate.

Queremos dizer à nossa Juventude que, para vencer este combate é preciso em primeiro lugar, engajar-se na luta pela destruição da velha sociedade, o que significa participar no combate pela criação da nova mentalidade, pela criação da nova personalidade revolucionária.

Os nossos jovens devem assumir que o Homem Novo nasce de combates sucessivos, é o resultado lógico da luta permanente entre o novo e o velho, luta em que o novo vence o velho.

Os nossos jovens devem compreender e interiorizar que o combate pela eliminação dos aspectos negativos da sociedade velha não podem vir de fora. É um combate que deve nascer em cada jovem, e devemos fazer do combate individual de cada um de nós um combate colectivo vitorioso.

Só desta forma estaremos em condições de definir correctamente as diferentes fases do processo da nossa luta, as tarefas em cada etapa, o inimigo em cada momento.

Só assim a Juventude moçambicana assumirá totalmente a sua responsabilidade histórica e será a edificadora da sociedade Socialista onde não existe a exploração do homem pelo homem.

Viva a FRELIMO!

Viva a Juventude Moçambicana!

Viva a Organização da Juventude!

Viva a Sociedade Socialista!

Viva o III Congresso!

A Luta Continua!

Os jovens contribuíram valorosamente na edificação e consolidação das zonas libertadas, viveiros da Revolução onde se criou e hoje se desenvolve o modelo da Nova Sociedade. Foi nesse processo que os jovens se distinguiram na defesa dos interesses mais profundos do nosso povo contra o colonialismo português e contra as tendências e a linha reaccionária dos aspirantes a novos exploradores que surgiram no seio da FRELIMO.

A Juventude constitui a estufa, o viveiro de onde sairão os quadros de todo o tipo, necessários para a edificação da Sociedade Socialista avançada.

Nos países ainda sob dominação colonial a Juventude constitui a esmagadora maioria dos combatentes nacionalistas que todos os dias oferecem generosamente as suas vidas pela conquista da Liberdade e Independência da sua Pátria.

Os nossos jovens devem compreender e interiorizar que o combate pela eliminação dos aspectos negativos da sociedade velha não podem vir de fora. É um combate que deve nascer em cada jovem e devemos fazer do combate individual de cada um de nós, um combate colectivo vitorioso.

Devido ao papel da Juventude na Revolução Mundial, o imperialismo tenta neutralizar ou pelo menos atenuar o papel progressista da Juventude desviando-a do processo revolucionário, isolando-a da luta dos trabalhadores, mergulhando-a no mundo da alienação, a degradação física, moral e política.

Estamos certos que só organizando a Juventude, só estruturando a Juventude, nós venceremos a nossa batalha da edificação da nova sociedade, só organizando a Juventude nós triunfaremos nos nossos combates, consolidaremos a nossa Independência, ampliaremos as nossas vitórias.

Tiragem: 20 000 exemplares
Registado no Instituto Nacional do Livro e do Disco sob o n.º 091/INLD/79
Composto e impresso na Imprensa Nacional
República Popular de Moçambique
Maputo
Março de 1980

1980/1990 – DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO